

**PROFESSORES HOMENS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: dos  
estranhamentos às possibilidades de subversão**

LOS MAESTROS HOMBRES EN EL CONTEXTO DE LA EDUCACIÓN INFANTIL:  
de las extrañas a las posibilidades de la subversión

MEN TEACHERS IN THE CONTEXT OF CHILD EDUCATION: from strangements  
to the possibilities of subversion

Marciano Antonio da Silva<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-1230-9967>

Allene Carvalho Lage<sup>2</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-9936-3033>

**Resumo**

Neste artigo tomamos o exercício de professores homens no contexto da Educação Infantil enquanto objeto de estudo, uma vez que essa atividade profissional ainda se encontra assentada dentro das concepções essencialistas e binárias de gênero. Desse modo, vislumbrando ampliar uma discussão em torno dessa realidade, elegemos enquanto objetivo geral refletir acerca dos principais estranhamentos e subversões que cercam a trajetória dos professores homens que atuam na Educação Infantil na região Agreste de Pernambuco. O caminho metodológico esteve fundamentado na pesquisa qualitativa, onde realizamos uma série de entrevistas com 03 (três) professores homens que atuam nessa etapa da Educação Básica. Os resultados evidenciaram que a atuação desses profissionais se encontra atravessada por inúmeros desafios, indo desde as dificuldades de inserção nesse campo profissional até a reprodução de estereótipos e estigmas de gênero. Ainda assim, podemos afirmar que os professores homens têm ocasionado importantes

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste. Bolsista pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE. E-mail: [marcianoantoniosilva@gmail.com](mailto:marcianoantoniosilva@gmail.com).

<sup>2</sup> Pós-doutora em Direitos Humanos (PPGDH/UFPE, 2016). Pós-doutora em Educação (UFRGS, 2012). Doutora em Sociologia (Universidade de Coimbra, 2006). Professora Associada da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea. E-mail: [allene Lage@yahoo.com.br](mailto:allene Lage@yahoo.com.br).

**Como referenciar este artigo:**

SILVA, Marciano Antonio da; LAGE, Allene Carvalho. Professores homens no contexto da educação infantil: dos estranhamentos às possibilidades de subversão. **Revista Pedagógica**, v. 24, p. 1-28, 2022.

DOI <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v24i1.6976>

fissuras nesse território, onde tem buscado subverter os paradigmas dominantes de gênero e constituir outras narrativas em torno da docência na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Professores homens. Docência. Educação Infantil.

### Resumen

En este artículo tomamos como objeto de estudio el ejercicio del profesorado varón en el contexto de la Educación Infantil, ya que esta actividad profesional aún se sustenta en concepciones esencialistas y binarias de género. De esta manera, con el objetivo de ampliar una discusión en torno a esta realidad, elegimos como objetivo general reflexionar sobre las principales extrañezas y subversiones que rodean la trayectoria de los profesores varones que actúan en la Educación Infantil en la región Agreste de Pernambuco. El camino metodológico se basó en una investigación cualitativa, donde realizamos una serie de entrevistas a 03 (tres) docentes del sexo masculino que actúan en esta etapa de la Educación Básica. Los resultados mostraron que la actuación de estos profesionales está atravesada por numerosos desafíos, que van desde las dificultades de inserción en este campo profesional hasta la reproducción de estereotipos y estigmas de género. Aun así, podemos decir que los docentes varones han provocado importantes fisuras en este territorio, donde han buscado subvertir los paradigmas de género dominantes y construir otras narrativas en torno a la docencia en Educación Infantil.

**Palabras clave:** Profesores varones. Enseñando. Educación Infantil.

### Abstract

In this article we take the exercise of male teachers in the context of Early Childhood Education as an object of study, since this professional activity is still based on essentialist and binary conceptions of gender. In this way, aiming to expand a discussion around this reality, we chose as a general objective to reflect on the main estrangements and subversions that surround the trajectory of male teachers who work in Early Childhood Education in the Agreste region of Pernambuco. The methodological path was based on qualitative research, where we conducted a series of interviews with 03 (three) male teachers who work in this stage of Basic Education. The results showed that the performance of these professionals is crossed by numerous challenges, ranging from the difficulties of insertion in this professional field to the reproduction of gender stereotypes and stigmas. Even so, we can say that male teachers have caused important fissures in this territory, where they have sought to subvert the dominant paradigms of gender and build other narratives around teaching in Early Childhood Education.

**Keywords:** Male teachers. Teaching. Child education.

## INTRODUÇÃO

Na extensão desse artigo, buscamos apresentar os resultados obtidos a partir de uma pesquisa de mestrado que objetivou investigar os condicionantes experienciados por professores homens no exercício da profissão docente no contexto da Educação Infantil

na região Agreste de Pernambuco. Tal problemática surgiu em detrimento da escassez de professores homens que atuam nesse espaço, bem como das questões de gênero que atravessam esse campo profissional, entendendo que a Educação Infantil – quase sempre – tem sido concebida a partir dos estereótipos de gênero.

Considerando as disposições propostas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, podemos conceber a Educação Infantil enquanto sendo a primeira etapa da Educação Básica, responsável pelo processo formativo de crianças com idade entre 0 e 5 anos<sup>3</sup>. Cabe destacar ainda, que esta etapa se encontra demarcada por um conjunto de especificidades, tendo em vista que desenvolve um trabalho com crianças inseridas numa faixa etária que requer alguns cuidados.

Entretanto, a preocupação com a elaboração de uma proposta pedagógica que viesse orientar e fundamentar os processos que permeiam a educação das crianças, pode ser considerada como sendo um fenômeno recente no Ocidente. Isto porque, durante muito tempo a infância não foi compreendida enquanto uma fase específica do desenvolvimento humano, não sendo reconhecida as especificidades presentes nesse ciclo. Para efeito, as crianças foram concebidas a partir de diferentes concepções, ora entendidas enquanto sendo pequenos adultos, outrora, na qualidade de um objeto divino, misterioso, como no caso das classes sociais mais privilegiadas (OLIVEIRA, 2005).

Imerso nesse cenário, percebemos que a não existência de uma compreensão em torno da infância, bem como, das necessidades das crianças, desencadeou diversas problemáticas sociais, pois, durante muito tempo estes indivíduos ficaram à mercê de um tratamento e cuidado adequado. Para efeito, o surgimento das primeiras instituições de Educação Infantil ocorreu de maneira tardia, estando também, assentado numa série de impasses que refletiam a ausência de uma proposta pedagógica que dialogasse diretamente com os anseios dos seus indivíduos.

---

<sup>3</sup> Conforme dispõe a resolução CNE/CEB nº 6, de 20 de outubro de 2010, fica posto que:

Art. 3º Para o ingresso no primeiro ano do Ensino Fundamental, a criança deverá ter idade de 6 (seis) anos completos até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula.

Art. 4º As crianças que completarem 6 (seis) anos de idade após a data definida no artigo 3º deverão ser matriculadas na Pré-Escola. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15249-rcebo0610&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15249-rcebo0610&Itemid=30192)> Acesso em: 02 dez. 2021.

Na ausência de uma instituição específica responsável por desenvolver um trabalho com esse público, bem como, de uma proposta pedagógica que viesse nortear a formação dos seus indivíduos, a educação das crianças foi considerada enquanto uma responsabilidade das famílias e/ou dos grupos sociais aos quais elas pertenciam (BUJES, 2021). Todos esses meandros corroboraram para a inexistência de uma compreensão acerca da(s) identidade(s) das crianças, das suas particularidades, mas também, para a escassez de um referencial que viesse viabilizar o trabalho desencadeado na formação desses indivíduos.

Em decorrência desses fatores, dentre tantos outros, percebemos que o advento dos primeiros espaços de Educação Infantil, além de tardiamente, ocorreu também de maneira precária. No Brasil, o surgimento das primeiras instituições de Educação Infantil, pode ser considerado enquanto um acontecimento recente, sendo também, fruto de muita luta. De acordo com Oliveira (2005, p. 91) “Até meados do século XIX, o atendimento de crianças pequenas longe da mãe em instituições como creches ou parques infantis praticamente não existia no Brasil”, estando as crianças, quase sempre, sob a responsabilidade e cuidados da figura feminina.

A reprodução dessa realidade, contribuiu significativamente para a naturalização das fundamentações arcaicas que colocavam as mulheres enquanto sendo as pessoas mais adequadas para realizarem um trabalho com as crianças, pois dentro de uma visão patriarcal<sup>4</sup>, estas deteriam de **instintos e/ou dons maternos**.

Todavia, as mudanças desencadeadas em meio as transformações vivenciadas no campo social, político e cultural, possibilitaram uma modificação em torno dessa realidade, vindo incorporar novos sentidos e perspectivas para repensar a educação das crianças. Ainda assim, precisamos ressaltar que permaneceram fortes vestígios desses arranjos, principalmente, quando colocamos em evidência as questões que englobam a educação das crianças, bem como, as fundamentações que permeiam o cuidar e educar nessa fase.

Dentro desse quadro, a inserção de professores homens na Educação Infantil surge enquanto uma possibilidade de modificação desse território, ainda tão fundamentado

---

<sup>4</sup> Ao observar os efeitos maléficos promovidos pelo patriarcado, sobretudo, no que se refere a vida das mulheres, Heleieth Saffioti (2015, p. 57) destaca que “[...] as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado”.

dentro dos constructos essencialistas e binários. Contudo, ao passo que encontramos nesses profissionais uma possibilidade de alargamento das experiências tecidas nesse contexto, percebemos também a existência de uma certa resistência com sua presença, conforme apontam as pesquisas que tomaram os trajetos de professores homens na Educação Infantil enquanto *lócus* de estudo (SAPAROLLI, 1997; CRUZ, 1998; SAPAROLLI, 1998; CARVALHO, 1999; CARVALHO, 2000; SAYÃO, 2005; SILVA, 2020).

Considerando tais questões, buscamos a partir das experiências de professores homens que atuam na Educação Infantil no Agreste de Pernambuco, refletir acerca dos principais estranhamentos e subversões que cercam as trajetórias desses professores no âmbito da sua profissão.

#### **O/A PROFESSOR/A DA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA ESPECIFICIDADE: DE QUEM FALAMOS?**

Tratar das particularidades que emergem da Educação Infantil, sobretudo, das especificidades que cercam os/as professores/as que atuam nesse contexto, demanda uma compreensão em torno das peculiaridades dessa etapa, bem como, das exigências impostas aos/as seus/suas profissionais. Esse movimento se faz necessário, na medida em que as ações presentes nesse contexto multifacetado, ainda se apresentam carregadas por um conjunto de estereótipos e crenças, não havendo muitas vezes, uma clareza em torno da sua proposta educativa e função social. Ao desdobrar uma atenção acerca dessa realidade, Oliveira-Formosinho (2008) defende que

[...] o papel dos professores das crianças pequenas é, em muitos aspectos, similar ao papel dos outros professores, mas é diferente em muitos outros. Estes aspectos diferenciadores configuram uma profissionalidade específica do trabalho das educadoras [educadores] de infância. Os próprios actores envolvidos na educação de infância têm sentimentos mistos no que se refere à questão de serem iguais ou diferentes dos outros professores, nomeadamente dos professores de ensino primário (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2008, p. 135).

Tomando como base os apontamentos de Oliveira-Formosinho (2008), percebemos que a docência no contexto da Educação Infantil, situa-se num universo demarcado por um conjunto de símbolos, sentidos e pré-conceitos que são reproduzidos no âmbito das ações e discursos presentes nesse espaço. Em detrimento disso, cotidianamente os/as

professores/as inseridos nesse terreno se esbarram em distintas situações, baseadas quase sempre, nas construções socioculturais que foram naturalizadas para esse campo profissional.

Assim sendo, as identidades desses/as profissionais seguem sendo constituídas em meio as relações desencadeadas ao longo desse processo. A atuação das professoras, por sua vez, se encontra assentada dentro de uma estrutura patriarcal, pois, a docência é entendida enquanto uma extensão da maternidade, onde o *status* de profissão tem sido reduzido a uma espécie de função materna, de cuidado com as crianças. Em contrapartida, a representação docente masculina sofre um processo de estranhamento e estigmatização, não sendo reconhecida dentro desse território, tendo em vista que os professores homens não atendem aos pré-requisitos determinados pelas normas patriarcais. Para Carvalho (1999)

[...] na prática escolar em nosso país, predomina uma visão maternal e feminina da docência no Curso Primário, colocando em relevo os aspectos formadores, relacionais, psicológicos, intuitivos e emocionais da profissão, frente àqueles aspectos socialmente identificados com a masculinidade, tais como a racionalidade, a impessoalidade, o profissionalismo, a técnica e o conhecimento científico (CARVALHO, 1999, p. 5).

Convém, todavia, destacar que o recente debate travado na arena social, assim como o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas tem buscado desmitificar tais arranjos, entendendo que sua manutenção é maléfica para o campo da educação. Tais investigações, por sinal, vêm atentando para as consequências engendradas em torno desse processo, uma vez que os determinismos de ordem essencialista são tomados enquanto verdades universais. Por estas razões, torna-se urgente a constituição de outras experiências nesse território, de modo que venhamos romper com os arranjos que reiteram a reprodução e manutenção das concepções arcaicas de gênero.

Entretanto, ao passo que notamos a necessidade de construção de outras narrativas, percebemos também que durante um longo período da história esse espaço esteve demarcado apenas na arena do cuidar, não exigindo dos/as responsáveis, uma formação específica para atuar no trabalho com crianças. Isto porque, o caráter de assistencialismo e filantropia presente nessas instituições, corroborou para uma ideia de

docência enquanto extensão da maternidade. Sob este aspecto, Oliveira (2005) alerta que esses arranjos são prejudiciais para as instituições, haja vista que

Esse modelo familiar/materno de cuidado e educação de crianças pequenas, portanto, nega a existência de profissionalização. Basta a transposição de competências maternas para orientar o trabalho com o grupo de crianças, embora o modelo envolva uma dimensão nova: a de prestar cuidados a filhos alheios. Desse profissional requer-se paciência, capacidade para expressar afeto e firmeza na coordenação do grupo infantil. Pouco se exige em termos de conhecimento mais elaborado acerca das funções da educação infantil e sócio históricas do desenvolvimento das crianças [...] (OLIVEIRA, 2005, p. 24).

Como apontado por Oliveira (2005), a manutenção desses desencadeamentos trouxe significativas consequências para os espaços de Educação Infantil, dado que possibilitou que pessoas sem formação específica pudessem adentrar esse campo de atuação e exercer essa atividade sem nenhum conhecimento mínimo acerca da profissão. Para efeito, exigia-se apenas um certo domínio nas habilidades do trato e cuidado com crianças.

Nisso, os/as responsáveis por estes espaços, não detinham necessariamente de um conhecimento acerca da infância, das especificidades e necessidades apresentadas pelas crianças situadas nessa fase, muito menos, de uma proposta de ensino que contemplasse os princípios básicos da Educação Infantil. A inexistência de uma proposta pedagógica que viesse nortear o trabalho realizado com crianças, resultou na ausência de uma contribuição efetiva no processo de formação e desenvolvimento das habilidades desses/as profissionais, mas também na reprodução de um pensamento errôneo em torno das práticas desenvolvidas nesse espaço.

Ressignificar essas marcas culturais, de modo que as representações desses/as profissionais sejam compreendidas a partir de um viés profissional, deve ser considerado enquanto uma urgência a ser alcançada, a fim de que possamos constituir outros imaginários em torno dos/as professores/as que atuam nesses espaços. Outrossim, pensar as especificidades que decorrem desse contexto, entendendo-o enquanto sendo a primeira etapa da Educação Básica, possibilitará romper com o *status* de assistencialismo que esteve presente durante muito tempo. Segundo Kramer (2008)

As atividades do magistério infantil estão associadas ao papel sexual, reprodutivo, desempenhado tradicionalmente pelas mulheres, caracterizando situações que reproduzem o cotidiano, o trabalho doméstico de cuidados e socialização infantil. As tarefas não são remuneradas e têm aspecto afetivo e de obrigação moral. Considera-se que o trabalho do profissional de educação infantil necessita de pouca qualificação e tem menor valor. A ideologia aí presente camufla as precárias condições de trabalho, esvazia o conteúdo profissional da carreira, desmobiliza os profissionais quanto às reivindicações salariais e não os leva a perceber o poder da profissão (KRAMER, 2008, p. 125).

Vislumbrando a estruturação de outras relações e princípios que venham nortear o ensino nos espaços de Educação Infantil, a formação de professores/as deve ser considerada enquanto elemento fundamental para a construção dessa nova realidade. Partindo dessa perspectiva, Sayão (2005) considera que um importante passo para o rompimento das fundamentações arcaicas que ainda se fazem presentes nesse espaço, consiste em possibilitar outras representações aos/as professores/as, visto que

A atuação de homens no cuidado das crianças pequenas parece ampliar a concepção do gênero, porque confere outros sentidos à ideia reducionista de papéis/funções específicas para homens e mulheres posto que docentes podem exercer o papel ou a —função maternall, ampliando-a para a compreensão dos diferentes modos pelos quais o gênero opera estruturando o social e com isso ressignificando a fixidez de tais papéis e funções (SAYÃO, 2005, p. 192-193).

Sendo assim, a autora defende que a inserção de professores homens nesse território contribui para a desmitificação da docência na Educação Infantil enquanto um trabalho feminino, pois, rompe com os estereótipos de gênero reproduzidos nesse campo profissional.

## **PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TENSÕES E DILEMAS EM DISPUTA**

Ao observarmos o contexto da Educação Infantil, percebemos que as imagens e discursos reproduzidos em torno desse campo profissional se encontram – quase sempre – demarcadas por um imaginário que condiciona esse espaço enquanto pertencendo exclusivamente às mulheres. Para efeito, podemos constatar também a estruturação de um conjunto de mecanismos de regulação, fiscalização e perpetuação dessa ordem, vislumbrando a garantia dos modelos naturalizados para esse território, bem como a



manutenção dos princípios patriarcais. Considerando tais questões, Sayão (2005) destaca que

Os modelos socialmente construídos de mulheres “cuidadoras” e homens “provedores” talvez tenham contribuído para gerar nas profissionais a aposta de que os docentes “não dariam conta do recado”, tendo em vista que são elas que historicamente e desde a infância aprendem “como cuidar”. Ou seja, parecia haver uma legitimidade nas práticas exercidas pelas mulheres ratificadas pelo argumento da feminilidade como características inatas em face de seus antecedentes como mães ou como “cuidadoras” de outras crianças no âmbito doméstico ou mesmo em experiências anteriores em instituições educativas para a infância (SAYÃO, 2005, p. 177).

Como bem pontua a autora, aqueles/as que não atendem as exigências impostas pelos padrões de gênero, como no caso dos professores homens, seguem sem serem reconhecidos, muito menos legitimados dentro desse campo profissional, sendo passíveis de sofrerem estigmatização, rejeição e/ou preconceitos, uma vez que esses profissionais não se encontram dentro dos parâmetros determinados para esse terreno. Ainda assim, acreditamos que a permanência desses sujeitos nesse espaço torna-se fundamental para que possamos caminhar para a estruturação de uma nova realidade, haja vista que contraria os modelos hegemônicos, possibilitando outras representações e narrativas em torno dos/as docentes.

Entretanto, conforme aponta pesquisas desenvolvidas nesse campo (SAPAROLLI, 1997; CRUZ, 1998; SAPAROLLI, 1998; CARVALHO, 1999; CARVALHO, 2000; SAYÃO, 2005; SILVA, 2020), o exercício de professores homens na Educação Infantil tem sido tomado enquanto uma situação incomum, pois foge das construções de gênero determinadas para esse campo profissional. Conseqüentemente, os professores homens são caracterizados enquanto um perigo, especialmente, com relação a integridade e segurança das crianças, pois dentro da cultura patriarcal os homens são vistos unicamente enquanto violentos, insensíveis e potencialmente agressores.

Em meio a reprodução desses arquétipos, os professores homens seguem sendo concebidos enquanto um corpo estranho nesse espaço, isto porque, não foram determinados pela estrutura patriarcal para ocupar esse campo profissional, historicamente mantidos a partir do trabalho desenvolvido por mulheres. Durante muito tempo, “[...] seja no espaço da intimidade, seja no espaço da expressão pública, essa

associação entre gênero feminino e vida reprodutiva foi naturalizada: a maternidade e o amor à criança pequena seria da natureza dos instintos nas mulheres” (MEDRADO; LYRA, 2008, p. 816).

Com isso, diversas reverberações são geradas, sobretudo, no que se refere ao estranhamento em torno da inserção de professores homens nesse espaço, tendo em vista que este se encontra demarcado pelas estruturas do gênero. Esse estranhamento, pois, decorre pelo fato do masculino ter sido constituído a partir de um conjunto de parâmetros hegemônicos que sempre o representaram a partir de um viés marcado pela ausência da sensibilidade, delicadeza e das habilidades para realizar um trabalho com as crianças. Segundo Lopes (1991)

[...] se olharmos a iconografia do magistério quando é o homem que ocupa o lugar da docência, como mestre-escola, é (quase) sempre de relho na mão, castigando, corrigindo. Ele é feio, com cara de mau e de bravo. Ele encarna a lei. A profissão é exercida de maneira diferente e espera-se que seja (LOPES, 1991, p. 38).

Esses engendramentos arcaicos não apenas contribuem para a não aceitação desses profissionais, como também constituem um imaginário errôneo em seu entorno, pois esses sujeitos passam a serem concebidos como uma ameaça, um perigo para a integridade das crianças. Numa pesquisa realizada no contexto da Educação Infantil, mais especificamente numa creche da cidade de São Paulo, Cruz (1998) pode notar que dentre os fatores que ocasionam certas resistências e rejeições em torno da presença de homens nesse espaço se encontra

[...] o fato de o cuidado com as crianças ser considerado uma função do gênero feminino e as concepções de educação infantil que, ainda fundamentadas numa tradição assistencialista de creche – considerada como substituta da mãe, e onde prepondera uma perspectiva doméstica em oposição a uma perspectiva profissional – , não incorporam os homens em suas propostas (CRUZ, 1998, p. 244).

Os resultados apresentados por Cruz (1998), reiteram que o exercício da docência na Educação Infantil permanece assentado num imaginário fundamento em concepções essencialistas e binárias de gênero, vindo reproduzir estereótipos e estigmas naturalizados no decorrer do tempo. Desta ótica, percebemos que essa atividade profissional tem sido assemelhada as funções vinculadas a maternidade e ao mundo doméstico, condicionando

as instituições de ensino à extensão do lar. Em contrapartida, seus/suas profissionais são destituídos da sua identidade profissional, operando para que assumam uma posição materna, por exemplo.

Por outro lado, notamos que as percepções em torno dos professores homens seguem imbricadas num modelo de masculinidade hegemônica, onde seus corpos são concebidos sempre a partir dos atributos de força, agressividade e superioridade. Partindo dessa perspectiva, Connell (2003, p. 91) destaca que os “[...] *cuerpos no pueden comprenderse como medios neutros de la práctica social. Su misma materialidad es importante. Harán ciertas cosas y otras no. Los cuerpos se encuentran sustantivamente en juego en prácticas sociales como el deporte, el trabajo y el sexo*”.

Com relação aos professores homens que atuam na Educação Infantil, percebemos que esse corpo é concebido a partir de uma certa estranheza e/ou espanto, uma vez que não foi pensado para ocupar esse espaço. Desse modo, ao passo que contraria os modelos sedimentados ao longo da história, esse corpo passa a ser reverberado de forma negativa, ocupando também o status de exótico. Cruz (1998) explica que um dos principais tabus que cerca a inserção de professores homens no trabalho com crianças, consiste num

[...] medo manifestado pela presença de homens na creche e também no cuidado de crianças na família, parece estar relacionado a uma concepção da sexualidade masculina como algo incontrolável. Nas representações de masculino podemos encontrar que ele é machão, forte, agressivo, animal, assim, todo homem é potencialmente um agressor (CRUZ, 1998, p. 244).

Esses dados reiteram as dificuldades que perpassam o reconhecimento de outras possibilidades de masculinidades na arena do gênero, visto que os homens são interpelados quase sempre a partir dos modelos dominantes. Na mesma medida, sinaliza para urgência de atuarmos na desmitificação dos discursos que condicionam os homens unicamente para esse lugar de opressão, violência e/ou agressividade, como no caso dos professores homens que são concebidos enquanto tendo instintos sexuais incontroláveis, como explica Cruz (1998).

Acreditamos que constituir outras representações e discursos em torno das experiências masculinas, potencializará o surgimento de atitudes e comportamentos pautados numa política de respeito a equidade de gênero e diversidade sexual. No que se

refere aos professores homens, permitirá o alargamento das suas experiências profissionais, pois estes não serão concebidos a partir de uma masculinidade universal, sendo oportunizado a constituição de novas possibilidades. Conforme destaca Kaufman (1994)

Como hombres, necesitamos abogar y organizarnos activamente para apoyar los cambios legales y sociales, en favor de la libertad de elegir los programas de cuidado infantil, las nuevas iniciativas para combatir la violencia de los hombres con programas de acción afirmativa en lugares de trabajo, sindicatos, asociaciones profesionales, clubes, centros religiosos y comunidades. Debemos ver estas acciones no sólo como asuntos de mujeres sino como problemas que debemos encarar y que nos afectan a todos (KAUFMAN, 1994, p. 20).

Trabalhando com essa compreensão, entendemos que a inserção de professores homens na Educação Infantil avança na constituição de outras experiências no cenário das relações de gênero, uma vez que não apenas desconstrói os modelos hegemônicos, como também desmitifica os quadros de machismo e sexismo estrutural da nossa sociedade. Assim, na medida em que estes profissionais adentram esse contexto – historicamente ocupado por mulheres – potencializam uma reestruturação de ordem prática, pois constituem outras representações nesse espaço, mas também conceitual, já que propõem uma desconstrução em torno das categorias essencialistas e binárias que se encontram delimitando as experiências sociais.

### **METODOLOGIA: AFINAL, TEM PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL?**

Tecer uma reflexão em torno do exercício de professores homens que atuam no contexto da Educação Infantil no Agreste de Pernambuco, exigiu o delineamento de procedimentos metodológicos que viabilizassem o alcance dos objetivos traçados para o desenvolvimento do estudo. Isto porque, dada sua complexidade – uma vez que detemos de um reduzido número de professores homens nessa etapa da Educação Básica –, se fez necessário planejar de forma detalhada as diferentes etapas da investigação.

Neste sentido, o caminho metodológico esteve fundamentado na pesquisa qualitativa Creswell (2007), onde num primeiro momento elegemos (04) quatro municípios do Agreste Pernambucano, tendo como critérios iniciais da escolha: (i) municípios onde a

Educação Infantil ocorresse especificamente em Centros Municipais de Educação Infantil-CMEI's, dada as especificidades apresentadas por essas instituições no trabalho com essa etapa de ensino e (ii) municípios com mais de 50 mil habitantes, pois acreditávamos que poderiam oferecer uma amostra de sujeitos considerável.

Os municípios escolhidos nessa primeira etapa da pesquisa foram: (i) Belo Jardim, (ii) Bezerros, (iii) Caruaru e (iv) Santa Cruz do Capibaribe. Após o processo de delimitação, contatamos as Secretarias de Educação com o intuito de conhecer o quadro de docentes que atuam na Educação Infantil e consecutivamente iniciar o processo de catalogação desses profissionais. Contudo, logo identificamos que apenas os municípios de Bezerros e Santa Cruz do Capibaribe contavam com professores homens na Educação Infantil, o que reforça a escassez desses profissionais, conforme aponta diversas pesquisas. Para elucidar os dados, trazemos o quadro abaixo.

**Quadro 1:** Informações do campo de estudo

CIDADES	QUANTITATIVO DE CMEI'S	QUANTITATIVO DE DOCENTES	QUANTITATIVO DE PROFESSORES HOMENS
Belo Jardim	8	63	0
Bezerros	10	85	2
Caruaru	20	260	0
Santa Cruz do Capibaribe	5	116	1

Fonte: SILVA, 2020

Conforme podemos observar, numa amostra de 43 (quarenta e três) CMEI's, localizamos apenas 03 (três) professores homens, sendo 02 (dois) no município de Bezerros e 01 (um) no município de Santa Cruz do Capibaribe. Logo após o processo de mapeamento dos respectivos municípios, instituições e professores, agendamos uma série de visitas para apresentação da nossa pesquisa e consulta quanto a possibilidade de participação desses profissionais. Vale ressaltar que ainda nesse primeiro contato, os professores se mostraram disponíveis para contribuir com a realização do estudo.

No ato de coleta dos dados, optamos pela utilização da entrevista não estruturada, na sua modalidade não dirigida, pois entendemos que esse procedimento possibilitaria

uma maior liberdade por parte dos entrevistados (LAKATOS; MARCONI, 2003). Desse modo, realizamos esse procedimento nas próprias instituições de ensino, respeitando a disponibilidade informada pelos professores. Com base nas informações fornecidas, apresentamos um quadro com o perfil dos professores homens.

**Quadro 2:** Caracterização do perfil dos entrevistados<sup>5</sup>

PROFESSORES	IDADE (Média)	TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA DOCÊNCIA	ORIENTAÇÃO SEXUAL	TIPO DE VÍNCULO EMPREGATÍCIO	FORMAÇÃO ACADÊMICA
<b>Florestan</b>	30 e 35 anos	10 anos	Heterossexual	Concursado	Licenciatura em Pedagogia; Especialização em Educação Especial.
<b>Anísio</b>	25 e 30 anos	5 anos	Homossexual	Concursado	Licenciatura em Pedagogia.
<b>Darcy</b>	25 e 30 anos	10 anos	Heterossexual	Concursado	Normal Médio; Licenciatura em Pedagogia; Especialização em Gestão e Planejamento Escolar.

Fonte: SILVA, 2020

## ENTRE CHAPEUZINHOS VERMELHOS E LOBOS MAUS: O QUE DIZEM OS PROFESSORES HOMENS?

Os estudos desenvolvidos a partir da intersecção entre gênero e educação sinalizam para os inúmeros desafios que atravessam o exercício de professores homens na Educação Infantil, dado que essa etapa da Educação Básica tem se configurado enquanto um território estranho, outras vezes, hostil para estes profissionais. Esse fato, por sinal, reflete no número incipiente de professores homens nesses espaços, o que denota não apenas a existência de um contexto pouco explorado por esses sujeitos, mas também às dificuldades que permeiam a inserção masculina em face das concepções retrógradas que ainda cercam a atividade docente.

<sup>5</sup> Para preservar as identidades dos participantes da pesquisa, optamos pela adoção de nomes fictícios.

Considerando as adversidades que permeiam essa realidade, relembramos que o baixo percentual de professores homens atuando na educação de crianças não se trata de uma problemática exclusiva do contexto brasileiro, podendo ser constatada também em outros países (SAYÃO, 2005). Partindo dessa premissa, ao observar esse fenômeno Batista e Rocha (2018) alertam que

A constituição histórica da Educação Infantil, marcada pelas contradições entre o feminino e o profissional, e o discurso da maternidade como função primordial das mulheres na educação e socialização das crianças no âmbito doméstico tem contribuído para potencializar a negatividade das práticas que constituem a maternagem sobre práticas reconhecidas como pedagógicas. (BATISTA; ROCHA, 2018, p. 98).

De modo visível, os elementos destacados pelas autoras contribuem significativamente para existência de um processo de estigmatização e/ou rejeição em torno dos professores homens, haja vista que reiteram um conjunto de discursos que atrelam o exercício da docência a um atributo de base essencialista e biológica. Com isso, o imaginário da atividade docente segue sendo constituído em meio uma série de constructos machistas e sexistas, colocando em questão a atuação dos profissionais homens nesse espaço.

Seguindo este viés, na medida em que destacam suas vivências profissionais, os professores homens também chamam atenção para as repercussões geradas em torno da sua atuação nesse espaço, isto porque, na maioria das vezes, se encontra atravessada por estereótipos e estigmatizações. Para elucidar os fatos, o professor Darcy (2019) relata o seguinte “É um impacto, ‘- creche?’ ‘- Tu é da creche?’ ‘- Tu ensina em creche é?’, realmente é um impacto [para as pessoas], pois ainda se tem essa visão de creche, da figura feminina, então, muitos ainda veem com preconceito. Então, o sentimento é de estranhamento” (PROFESSOR DARCY, 2019).

Com base no relato do Professor Darcy (2019), podemos afirmar que a atividade docente na Educação Infantil quando exercida por professores homens ainda causa espantos, surpresas e/ou estranhamentos nas pessoas, sobretudo nos familiares dos/as estudantes. Sob a ótica da sociedade, a presença dos professores homens nesse espaço é entendida enquanto uma certa anomalia, aberração, pois ultrapassa os limites de uma

suposta normalidade constituída em torno do masculino e do feminino na sociedade. Partindo desse princípio, Lyra e Medrado (2000) pontua que

[...] o suposto destino biológico da mulher à maternidade tem sido construído através de símbolos (Maria), de prescrições religiosas, jurídicas, educacionais (regulamentação da contracepção), das organizações sociais (dispor ou não de creche) e das identidades subjetivas (a mediação entre não trabalhar fora enquanto tem filhos pequenos). Em contrapartida, o masculino, ao ser associado à produção e administração da riqueza, é afastado do reino da reprodução, a não ser pelo sêmen fecundante. Se isto confere maior poder aos homens, nem todos os homens vivem harmoniosamente, sem conflitos, sem contradição esta experiência. Intersubjetividades de mulheres e de homens escapam a prescrições, bem como sua organização social em movimentos políticos (LYRA; MEDRADO, 2000, p. 150).

Concordamos com os pressupostos lançados por Sayão (2005), entendendo que o exercício da docência se encontra circunscrito nas construções socioculturais que foram determinadas para homens e mulheres na arena social. Essas ponderações, por sinal, são encontradas nas falas dos/as nossos entrevistados, como destaca o professor Florestan (2019)

Estávamos numa certa roda de conversa e uma certa pessoa perguntou minha profissão, eu disse: ‘- professor’, aí ele: ‘-educador físico?’, eu ri: ‘-não, sou professor das séries iniciais, hoje estou atuando na educação infantil’, ele: ‘-Hãh? Por que assim, é estranho né?’. Para muitos, a educação infantil é só o brincar, é um depósito, você joga as crianças para lá, você brinca e está de boa, está tranquilo e sabemos que não é. A gente tem todo um norte a seguir para dar um resultado, porque a gente sabe a valorização, a gente sabe o peso que a educação infantil tem, a gente precisa ter esse norte e assim, é muito estranho, porque um educador físico? Pelo tamanho, pelo porte, por ser do sexo masculino, assim, é muito comum hoje encontrarmos nas creches, na educação infantil professores homens, é normal. Ele bem que não aceitou muito a resposta, mas, enfim, cada um é cada um (PROFESSOR FLORESTAN, 2019).

O episódio narrado pelo professor Florestan (2019), descreve justamente o imaginário que é idealizado para homens e mulheres no âmbito da sua atuação, seja no cenário social ou institucional. Ainda no que se refere ao episódio vivenciado pelo professor Florestan (2019), percebemos que diante da sua orientação sexual e do seu porte físico, fora projetado para esse profissional outras possibilidades. Com isso, constatamos que os “[...] homens, da mesma maneira que as mulheres, estão imersos em códigos



culturais que tentam determinar maneiras de viverem sua masculinidade” (SAYÃO, 2005, p. 216).

Nesta perspectiva, a constituição e sobretudo a afirmação de uma identidade docente por parte dos professores homens que atuam nessa etapa, pode ser entendida enquanto um movimento que segue em curso. Apesar disso, os relatos dos entrevistados demonstram que esse processo tem sido doloroso para os profissionais homens, haja vista que tem desencadeado um misto de rejeições e estranhamentos em seu torno. Em contrapartida, Sayão (2005) esclarece que

A atuação de homens no cuidado das crianças pequenas parece ampliar a concepção do gênero, porque confere outros sentidos à ideia reducionista de papéis/funções específicas para homens e mulheres posto que docentes podem exercer o papel ou a ‘função maternal’, ampliando-a para a compreensão dos diferentes modos pelos quais o gênero opera estruturando o social e com isso resignificando a fixidez de tais papéis e funções (SAYÃO, 2005, p. 192-193).

Tomando como base as considerações postas por Sayão (2005), acreditamos que o percurso que vem sendo trilhado pelos professores homens nas instituições de Educação Infantil caminha para uma nova realidade nesse campo profissional, pois alarga as experiências constituídas nesse território. Desse modo, contribui não apenas para a desmitificação das estruturas essencialistas-binárias de gênero e/ou rompimento das práticas de machismo e sexismo, mas também possibilita uma dilatação do conceito de gênero na esfera da sociedade.

Na compreensão do professor Darcy (2019), mesmo diante de toda resistência com a presença masculina nesse território, cada vez mais constata-se a ampliação de uma nova compreensão em torno da docência masculina na Educação Infantil. Por esse atalho, o referido professor descreve

Esse ano, já não senti essa recusa, senti o ano passado, esse ano senti uma aceitação melhor, um apoio maior da comunidade, não senti nenhum problema, nenhum olhar estranho, diferente, não senti nada, acredito que a comunidade está se adaptando e está desconstruindo aquele pensamento que seguia anteriormente. A partir do momento que você passa a ter contato com o problema, com tal situação, você passa a ter outros olhares, uma coisa é você imaginar tal situação, outra coisa é você vivenciar ela. Então, acho que a partir dessa vivência está tendo o amadurecimento da comunidade quanto a essa questão (PROFESSOR DARCY, 2019).

Do ponto de vista do Professor Darcy (2019), esse novo olhar que emerge da comunidade escolar em torno do seu exercício profissional, pode ser atribuído aos esforços e principalmente ao trabalho que vem sendo desenvolvido em seus respectivos ambientes de trabalho. Assim, defende que sua atuação docente tem contribuído para desconstrução dos preceitos machistas e sexistas que cercam esse território.

Contudo, embora seja notável a constituição de outro imaginário em torno da docência na Educação Infantil, o Professor Florestan (2019) sinaliza para permanência de um certo incômodo em torno de sua presença.

Principalmente os olhares, a questão dos olhares, aqui na creche a gente sempre teve uma cuidadora, então, isso foi um ponto que facilitou ainda mais, demais, com questão as idas e vindas ao banheiro, ao processo de higienização, isso foi muito bom, foi um grande avanço, quando cheguei ela já estava. Mas mesmo assim, com relação ao trabalho no infantil, a gente percebe os olhares, só com a questão do passar tempo, do desenvolver, que vem pegar a confiança e vê que é um trabalho sério. Agora que é muito novo a figura masculina na educação infantil (PROFESSOR FLORESTAN, 2019).

Constata-se então, que não existe num momento inicial uma confiabilidade em torno do trabalho desenvolvido pelos professores homens, seja por parte dos familiares ou da comunidade escolar. Desse modo, estes profissionais precisam conquistar diariamente esse reconhecimento, de forma que venham provar que são capazes de exercer essa atividade.

É preciso sublinhar que ainda que as experiências tecidas pelos professores homens no âmbito da Educação Infantil sejam marcadas por diversos obstáculos, sua atuação profissional tem sido concebida enquanto exitosa, no sentido de que sua atividade se encontra marcada por práticas exitosas, conforme destaca os próprios professores.

A excelência no trabalho desenvolvido pelos professores homens pode ser compreendida a partir de diferentes vieses:

- (i) é notável que os professores homens possuem uma formação sólida no campo da educação, o que tem garantido uma atuação de qualidade;
- (ii) a larga experiência dos docentes tem possibilitado uma ação reflexiva, mediante os impasses existentes nesse campo profissional;

- (iii) os docentes necessitam se afirmar enquanto profissionais inovadores, seja por meio das suas metodologias ou mesmo através da sua atuação, para que assim consigam permanecer nesse campo profissional;
- (iv) não é permitido que esses profissionais errem ou cometam alguma falha ao longo da sua atuação, sob a penalidade de serem expulsos e/ou justificado os estereótipos demandados para estes profissionais;
- (v) os professores homens necessitam mostrar resultados satisfatórios ao longo de sua atuação.

Em face desse contexto, Oliveira (2005) esclarece que

[...] os profissionais atuantes em creches ou pré-escolas criam pressupostos, acordos e regras básicas que são assumidos e transmitidos por seus integrantes como modos corretos de observar, pensar e sentir em relação ao trabalho desenvolvido e aos problemas criados (OLIVEIRA, 2005, p. 169).

Assim, ao passo que seguem criando alternativas e forjando outras possibilidades de atuação, vão também constituindo um conjunto de saberes, bem como uma identidade profissional que é resultante das vivências experienciadas nesse terreno.

Outro aspecto importante que necessita ser considerado, diz respeito à existência de uma certa tensão em torno do trabalho desenvolvido pelos professores homens. É nítido que as estruturas patriarcais têm imposto determinadas condições para esses profissionais, seja criando barreiras e delimitando margens para a sua atuação, seja regulando o exercício da sua prática a partir dos moldes hegemônicos, não permitindo com isso, erros ou falhas por parte desses profissionais. Ao narrar sua experiência, o Professor Anísio (2019) destaca

É meu primeiro ano, então, é tudo muito novo para mim, é tudo muito meticoloso, por assim dizer, tudo que eu planejo, eu planejo com muito cuidado, e tudo que eu vou pesquisar, eu tenho que fazer uma pesquisa grande, para saber se está de acordo com as crianças, para eu não avançar mais do que o necessário, porque a gente que trabalha com o fundamental é outro sistema, é outro ritmo, outra coisa. Então, as vezes eu quero pegar rápido demais, não pode, tem que ser tudo no tempo deles, então, tudo é muito meticoloso (PROFESSOR ANÍSIO, 2019).

Os receios e cuidados expressos pelo professor Anísio (2019) podem ser compreendidos a partir de duas vertentes. De um lado, o referido professor demonstra

compreender a especificidade do trabalho docente na Educação Infantil, haja vista que requer desses profissionais uma formação sólida, que seja capaz de suprir as necessidades dos/as estudantes dessa etapa. Todavia, sob outro viés, evidencia uma certa inquietação para que tudo ocorra bem, tendo em vista que esse êxito pode ser considerado enquanto uma condição básica para sua aceitação nesse espaço.

Para efeito, notamos que o jogo de expectativas criado em torno da atuação dos professores homens acaba gerando diversos sentimentos nesses sujeitos. A esse respeito, o professor Florestan (2019) realça “A educação infantil ela sempre assusta um pouco, todos, porque não é só o brincar, a gente precisa ser muito organizado, é a base, e hoje ela é simplesmente maravilhosa, é a primeira fase, é muito desafiadora, é uma delícia” (PROFESSOR FLORESTAN, 2019). Nesse sentido, Oliveira-Formosinho (2008) advoga que

Esta globalidade da educação da criança pequena – que reflecte a forma holística pela qual a criança aprende e se desenvolve –, e a perspectivação da criança como um projecto, levam a que a educadora [educador] de infância desempenhe uma enorme diversidade de tarefas e tenha um *papel abrangente* com fronteiras pouco definidas (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2008, p. 137).

Os apontamentos levantados por Oliveira-Formosinho (2008) nos possibilitam ampliar uma rede de compressões em torno dos principais impasses sinalizados pelo professor Florestan (2019). Desse modo, no que diz respeito à sua atuação, o respectivo professor busca desconstruir o imaginário que reduz a Educação Infantil a condição de complementação das atividades maternas, baseado sobretudo pelo viés da brincadeira.

Ainda na compreensão do professor Florestan (2019), faz-se necessário atentar para a proposta pedagógica que deve nortear o trabalho realizado na Educação Infantil, marcado pelo reconhecimento das particularidades dessa etapa. Em outros termos, torna-se imprescindível caminhar para a integração da Educação Infantil enquanto parte da Educação Básica, como defende Batista e Rocha (2018)

No enfrentamento da tarefa de constituição da área da Educação Infantil como um segmento da Educação Básica, que tem suas especificidades, tem-se procurado construir referências, para a docência, orientadas pela complexidade das ações da educação das crianças pequenas, na medida em que o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico, social, e cultural é concebido como um processo marcado por diferentes dimensões imersas no interior das relações entre adultos e crianças, e das crianças entre si (BATISTA; ROCHA, 2018, p. 96).

Neste sentido, acreditamos que as experiências forjadas pelos professores homens vão de encontro à perspectiva defendida pelas autoras, tendo em vista que o exercício desses profissionais procura desconstruir os argumentos que assemelham a Educação Infantil às práticas de maternagem. Ainda assim, mesmo que sua atuação caminhe nessa direção, percebemos que muitas vezes os discursos evidenciados pelos referidos professores apresentam algumas contrariedades. Em meio às suas colocações, o professor Darcy (2019) discorre

[...] ele não pode entender tal qual a mulher entende, porque realmente a mulher tem um sexto sentido, ela pelo processo materno, por ser mãe, por ser mulher. Mas assim, a gente consegue entender esse universo infantil, as sensações, os sentimentos. Isso é claro, depois de adaptação, de um processo, eu posso ter uma visão melhor, eu já tenho 10 anos, não na mesma etapa, na creche, porém, em fases que oscilam. Durante os 10 anos, eu só passei três anos com 4º e 5º anos, mas o restante foi com 1º e 2º ano, então, é nessa faixa da creche que já sai da creche 6, 7 anos, então, fica mais fácil para eu ter um conhecimento desse universo (PROFESSOR DARCY, 2019).

Embora o professor Darcy (2019) destaque as várias possibilidades em torno do trabalho desenvolvido por professores homens na Educação Infantil, constatamos que seu discurso ainda apresenta algumas marcas da nossa cultura patriarcal. Isto porque, o referido profissional reitera a maternidade enquanto sendo de natureza feminina, baseado nos pressupostos de que a mulher deteria de um instinto maternal.

Esse diálogo, descortina uma série de questionamentos, tendo em vista que os próprios professores – em algumas situações – acabam reproduzindo discursos fundamentados num viés essencialista-binário, quando na verdade, deveriam atuar na desconstrução destes. Tal noção, repercute diretamente na ampliação de um conjunto de desigualdades nesse espaço, principalmente, no que se refere ao trabalho desenvolvido por professores e auxiliares homens.

Mediante estes apontamentos, poder-se-ia afirmar, portanto, que o machismo e o sexismo se encontram tão engendrados nas experiências de vida desses profissionais, que muitas vezes estes sujeitos acabam reproduzindo tais discursos, sem nenhuma reflexão. Com base nisso, faz-se necessário promover uma discussão em torno das questões de gênero, uma vez que esse movimento “[...] problematiza o determinismo biológico,

gerando possibilidades de desconstrução das ideias naturalizadas do que é ser homem e do que é ser mulher, a partir da percepção sobre a construção cultural e social destas identidades” (SANTIN; CATTANI; CECCHETTI; 2019, p. 316).

Assim, seguindo uma visão contrária ao pensamento enunciado pelo professor Darcy (2019), encontramos na perspectiva defendida pelo professor Anísio (2019), elementos que apontam para a desnaturalização das justificativas históricas. Na concepção assumida pelo professor Anísio (2019)

[...] cuidado não tem nada a ver com feminino, com maternidade, cuidado tem realmente a ver com esse aprendizado que você tem de cuidar de alguém que precisa desse cuidado, e tudo é aprendido, nenhuma mulher vai nascer aprendendo a trocar de roupa, a trocar a fralda, dar banho, dar comida, fazer o mingau, certo? Do mesmo jeito, o homem não nasce aprendido, agora, tem essa ideia cultural que homem não sabe, que homem não serve, que homem não sabe fazer isso (PROFESSOR ANÍSIO, 2019).

Como podemos constatar, a narrativa do professor Anísio (2019) se opõe aos discursos essencialistas, o qual reforça a ideia de que as mulheres deteriam de uma maior habilidade para o cuidado e educação das crianças. O referido professor ainda chama a atenção para o imaginário cultural que circunda esse território, principalmente, em torno da figura masculina, legitimando muitas vezes um discurso que se baseia nesses pressupostos.

Tomando como ponto de partida os trajetos e as experiências compartilhadas pelos professores homens, percebemos que embora o objetivo de permanecer na Educação Infantil seja unânime entre todos, os meios e estratégias utilizados ao longo da sua atuação apontam para diferentes caminhos. Dentro desse quadro, ao descrever o seu percurso enquanto docente, o professor Florestan (2019) destaca

Com relação à minha experiência não foi tão difícil, porque eu já tive a experiência com a educação, depois com a educação infantil, e retornei novamente como te falei. Então, professor-aluno tem uma questão do querer fazer, do gostar, do se empenhar, da dedicação, eu sou, nós somos aqui na creche muito dedicados com relação a isso (PROFESSOR FLORESTAN, 2019).

Num primeiro momento, conforme constatamos no respectivo diálogo, o professor Florestan (2019) destaca que a sua experiência no contexto da Educação Infantil não foi

tão difícil. Porém, logo em seguida, sinaliza para as dificuldades existentes, onde, segundo o referido professor “[...] a rejeição não foi assim uma coisa, mas teve, a gente sentiu que teve sim e viu que sim, mas foi logo de início, uma coisa muito rápida, como te falei, a questão do trabalho, a parceira, não tivemos mais problema com relação a isso” (PROFESSOR FLORESTAN, 2019).

Por vezes, constatamos ao longo da nossa conversa com o professor Florestan (2019), um certo cuidado ou mesmo receio, no que se refere ao compartilhamento das suas experiências. Uma vez que, em diversas ocasiões o professor relatava determinados acontecimentos que ocorreram durante sua atuação – alguns um pouco desagradáveis –, mas logo em seguida tentava amenizar o ocorrido ou mesmo retrocedia em algumas questões que havia apontado anteriormente. Partindo dessa premissa, Gatti (1996) explica que

Os professores ao agirem de determinadas maneiras revelam/escondem uma identidade complexa em que representações de conhecimentos, crenças, valores e atitudes se compõem integrando as vivências nas salas de aula e fora delas. Ao tentarmos traduzir componentes desta identidade, por considera-los importantes para qualquer ação junto aos professores, temos de ter presente ao espírito que estamos correndo o risco de homogeneizar o que é plural. Por outro lado, e eis a contradição da nossa situação, se não o fizermos teremos dificuldades em chegar a uma reflexão que permita projeções e ações. O risco precisa, pois, ser corrido lembrando sempre que estamos correndo perigo de simplificar demais o que é múltiplo (GATTI, 1996, p. 88-89).

A complexidade que atravessa as identidades dos/as professores/as, como anuncia Gatti (1996), pode ser constatada a partir das diferentes visões e perspectivas apresentadas pelos professores homens. Desse modo, podemos dizer que essa diversidade marca não apenas os trajetos docentes que vêm sendo constituídos pelos professores em meio a constituição das suas práticas pedagógicas, mas também aponta para uma concepção particular da docência, inclusive na própria ideia da Educação Infantil enquanto etapa da Educação Básica.

A resposta a essas questões traduz-se na forma como os professores homens encaram as adversidades presentes nesse território. No que concerne ao professor Anísio (2019), obtivemos o seguinte relato

Eu sempre tive muito concepção de que a educação infantil não era uma etapa tão importante, não era tão conteudista, não era tão formativa cognitivamente. Eu achava que era só desenvolvimento de motricidade e passar tempo. Mas quando você entra realmente na educação infantil, quando você vê o currículo, que você vê os processos de aprendizagem, vê o quanto essa fase é importante para as crianças do fundamental e o quanto a gente que trabalha no fundamental não percebe inicialmente. Quando vamos para a educação infantil, percebemos que os conteúdos que não são dados, que os processos de aprendizagem e formação de conhecimento não são feitos na educação infantil, essa ausência é sentida muito no fundamental e durante toda a vida do estudante. Então, se a educação básica é a base, a educação infantil é a base da base da educação básica (PROFESSOR ANÍSIO, 2019).

Como podemos constatar, a compreensão do professor Anísio (2019) acerca da Educação Infantil, se insere numa perspectiva crítica, onde reconhece as especificidades que afloram dessa etapa. Perseguindo esse viés, sua fala caminha para desconstrução das ideias retrógradas que circundam esse território, marcada em especial, pela sobreposição dos princípios do cuidado, do afeto em detrimento do trabalho pedagógico.

Numa outra vertente, notamos que as tentativas de negação e rejeição que acometem os professores homens partem, em sua maioria, dos familiares e/ou colegas de trabalho, mas nunca dos/as estudantes. Como destaca o Professor Darcy (2020), a aceitabilidade por parte das crianças ocorre de maneira tranquila

Não, eu não vejo essa distinção referente aos alunos, para eles pouco importa, homem ou mulher, o que vai diferenciar é o cuidado, o carinho, a forma que você vai trabalhar com eles, porque se você manter uma relação de carinho, não fara diferença, entre um homem ou uma mulher. Porém, para sociedade, para a comunidade, existe sim um preconceito [...] para sociedade, existe um certo preconceito com o homem na educação infantil, existe sim. Eu acho que receios, por acharem que a mulher tem mais um afeto materno, tem mais um carinho, tem mais um jeito. Realmente por esse caminho, a gente percebe em olhares, em conversas, você sente que para as famílias seria melhor uma mulher, até pelo fato realmente como já te falei, desse cuidado materno (PROFESSOR DARCY, 2019).

Neste sentido, podemos afirmar que para os/as estudantes pouco importa se serão professores ou professoras que assumirão a sala de aula, o que revela que o machismo e sexismo faz parte de um imaginário adultocêntrico. Com base nisso, Carvalho (2000, p. 17) defende que “[...] a escola brasileira parece ser ainda um dos lugares sociais mais conservadores, onde a divisão rígida entre os papéis e funções de cada sexo parece resistir aos apelos de renovação”.



Ainda no que se refere à relação entre os professores homens e as crianças, verificamos que, por meio da sua prática, os referidos professores buscam romper com os estereótipos e estigmas que foram determinados para a figura masculina. Por essa via, se mostram sensíveis, criativos e cuidadosos com o trabalho desenvolvido nos espaços de Educação Infantil. Caminhando nessa direção, o professor Anísio (2019) declara

Eu sempre achei que ia ser muito mais assustador para eles. Eu sou um professor, sou homem, tenho quase dois metros de altura, desse tamanho e barbudo. Então, a gente sempre acha que vai ter esse estranhamento das crianças, que não vão aceitar, pois sempre estão acostumados com tias. Mas, a receptividade deles foi maravilhosa, eles são muito abertos e ficam íntimos de você com 10 minutos, então, tem essa relação muito mais íntima [...] (PROFESSOR ANÍSIO, 2019).

A partir das ponderações do professor Anísio (2019), torna-se válido afirmar que não há estranhamentos, muito menos resistências por parte dos/as estudantes em relação à figura masculina à frente da docência. Os relatos dos professores homens indicam a existência de uma aceitação e, acima de tudo, uma ótima convivência entre esses sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate em torno do exercício de professores homens na Educação Infantil, constitui-se enquanto um movimento necessário para que possamos alargar uma compreensão em torno desse território, ainda tão delimitado por um viés sexista e machista. Assim sendo, na medida em tecemos uma reflexão em torno das principais adversidades enfrentadas por estes sujeitos no âmbito da sua profissão, não apenas sinalizamos para as principais dificuldades que atravessam esse contexto, mas também buscamos constituir alternativas para superação da dinâmica opressiva que tem sido imposta pelas estruturas patriarcais.

Partindo dessa premissa, no curso desse estudo buscamos refletir acerca dos principais estranhamentos e subversões que cercam a trajetória dos professores homens que atuam no contexto da Educação Infantil na região Agreste de Pernambuco, haja vista a existência de um imaginário que condiciona essa etapa da Educação Básica enquanto uma extensão da maternidade. Desse modo, tomando como base as pesquisas desenvolvidas nesse campo discursivo, bem como os relatos dos entrevistados,

percebemos que o exercício de professores homens na Educação Infantil ainda se encontra atravessado por inúmeros desafios, indo desde a inserção desses sujeitos nesse campo profissional até a manutenção das concepções essencialistas.

Na contramão desse processo, observamos que embora os professores homens sinalizem para existência de uma série de estranhamentos, resistências e estereótipos em torno desse campo profissional, suas práticas apontam para superação de um pensamento retrógrado que circunda esse território. Isto porque, na medida em que se inserem nesse campo profissional, estes professores atuam na desconstrução dos discursos essencialistas, onde constituem novas representações na arena do gênero, não mais assentados nos modelos cristalizados para o masculino e feminino na sociedade.

Outro fato narrado pelos entrevistados, consiste na mudança de pensamento instituída a partir da atuação dos professores homens, uma vez que suas práticas têm sido reconhecidas pela comunidade escolar enquanto exitosas, contribuindo assim, para reelaboração de um novo pensamento em torno da atuação masculina na Educação Infantil. Ainda assim, lembramos que num primeiro momento os respectivos professores sofrem um processo de pré-julgamento e/ou estranhamento, necessitando superar tais dicotomias a partir do desenvolvimento de um excelente trabalho.

Sendo assim, podemos afirmar que os professores homens têm ocasionado importantes fissuras nesse território, onde tem constituído outras narrativas em torno da atuação masculina na Educação Infantil. Desse modo, na medida que subvertem os paradigmas dominantes de gênero, alargam o universo das experiências masculinas, seja na atividade docente ou em qualquer outro campo profissional.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Rosa; ROCHA, Eloisa Candal. Docência na educação infantil: origens de uma constituição profissional feminina. **Revista Zero-a-seis**. v. 20, n. 37, p. 95-111, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2018v20n37p95>. Acesso 15 mar. 2022.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Educação infantil: pra que te quero?. In: CRAIDY, Carmen; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: FAPESP, 1999.

CARVALHO, Marília Pinto. Vozes masculinas numa profissão feminina: o que têm a dizer os professores. **Anais..** São Paulo: FEUSP, 2000.

CONNELL, Robert. W. **Masculinidades**. México: PUEG-UNAM, 2003.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, Elizabete Franco. “Quem leva o nenê e a bolsa?”: o masculino na creche. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS, 1998.

GATTI, Bernadete Angelina. Os professores e suas identidades: desvelamentos da heterogeneidade. **Caderno de pesquisa**, n. 98, p. 85-90, ago. 1996. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/798>. Acesso em 10 mar. 2022.

KAUFMAN, Michael. Las experiencias contradictorias del poder entre los hombres. In: BROD, Harry; KAUFMAN, Michael. **Theorizing Masculinities**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

KRAMER, Sônia. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, Maria Lucia de A. (org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. A educação da mulher: a feminização do magistério. **Teoria & Educação**, n. 4, p. 22-40, 1991.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. **Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 145-158, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a11.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 809-840, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/7VrRmvB6SNMwQL5r6mXs8Sr/?lang=pt>. Acesso em: 02 mar. 2022.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. O desenvolvimento profissional das educadoras de infância: entre os saberes e os afectos, entre a sala de aula e o mundo. In: MACHADO, Maria Lucia de A. (org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTIN, Myrian Aldana Vargas; CATTANI, Daian; CECCHETTI, Elcio. Gênero e religião: disputas políticas na construção do plano municipal de educação de Chapecó/sc. **Revista Pedagógica**, v. 21, p. 306-320, 2019. Disponível:  
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/5261/0>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SAPAROLLI, Eliana. A educação infantil e gênero: a participação dos homens como educadores infantil. **Psicologia da Educação**, n. 6, p. 107-125, jan./jun. 1998. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/42892>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SAPAROLLI, Eliana. **Educador infantil: uma ocupação de gênero feminino**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SAYÃO, Débora Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. 273 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, Marciano Antonio da. **Professora sim. Professor também. Tio jamais: Um estudo sobre masculinidades e docência no contexto na educação infantil na região Agreste de Pernambuco**. 2020. 244 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 244.

Enviado em: 05-05-2022

Aceito em: 22-07-2022

Publicado em: 29-08-2022